A quem compete filosofar? Uma experiência de pesquisa

Bernardina Maria de Sousa Leal*

*S*e compreendido como o exercício da Filosofia que traz consigo a “pergunta explícita e consciente pelo sentido das coisas, da vida e da prática humana”, como o caracteriza Luckesi (1990, p.40), o filosofar parece irrestrito quanto à idade ou habilitação das pessoas que o realizam.

A necessidade do encontro de significações e sentidos para as ações cotidianas, para as regras sociais estabelecidas e mesmo para as relações interpessoais, ou ainda para a própria existência, não é exclusividade do mundo adulto. A criança está freqüentemente a demonstrar sua incessante busca pelo sentido das coisas, sua estranheza diante daquilo que lhe é apresentado de modo aparentemente familiar. Esse distanciamento em oposição à intimidade, condição propiciadora da descoberta gradual da realidade, é que conduz a criança ao ato de filosofar. Situações incomodamente problematizadoras levam-na a pensar cada vez mais laboriosa e refletidamente.

Possuidora de aguçada curiosidade, grande esforço de compreensão e prazeroso espanto diante das próprias descobertas, a criança apresenta características essenciais ao despertar filosófico. Os questionamentos infantis a respeito da vida, das pessoas e das coisas, apresentados de forma direta e espontânea, traduzem sua perplexidade diante de um mundo conceitual que lhe é estranho. Ao indagar sobre a própria existência, ao buscar fundamentos para atitudes habituais, ao questionar aquilo que parece óbvio, a criança busca desvelar a realidade circundante. Inquieta frente a situações aparentemente incontestáveis, extraídas de um contexto familiar, ela opera um processo de re-visão da realidade. Intrigando-se diante do estabelecido, a criança empreende a tarefa de compreender diferentes situações e auferir-lhes significação e sentido.

Impelida a pensar de forma rigorosa e crítica, não estaria a criança conduzindo-se de maneira muito próxima à conduta filosófica? O desejo de encontrar sentido e significado para o próprio agir não estaria sendo

* Bernardina Maria Leal é Mestre em Educação pela Universidade de Brasília.

antecipadamente expresso pelas atitudes inquiridoras das crianças? Ao estranhar as situações concretas do dia-a-dia não estaria a criança distanciando-se da realidade cotidiana a fim de revê-la e então redimensioná-la?

A necessidade de compreensão do mundo, a procura do significado da vida e das ações, enfim, a busca pelo sentido da existência é inerente a todo ser humano. Não seria diferente com a criança. Basta que a essa postura imanente sejam acrescidos, dentre outros aspectos, criticidade e coerência. Absorver o filosofar infantil e aprimorá-lo dotando-o de rigor e criticidade é o desafio de educadores. Viabilizar uma proposta teórico-metodológica através da qual as crianças, exercitando o filosofar venham a pensar melhor, é uma tarefa educativa.

É preciso apenas que o **filosofar entre crianças** seja legitimado como tal, que a hermética terminologia convencionalmente utilizada nas discussões filosóficas ceda lugar a um linguajar infantil, simples e profundo; que as crianças sejam levadas a sério em suas inquietações; que os processos investigativos infantis sejam respeitados em suas especificidades; que a **competência no filosofar** seja de livre acesso à criança, pais, educadores, filósofos, enfim, a todos aqueles que se dediquem a problematizar situações e delas retirem novos e novos sentidos.

É esta atitude filosófica que, se despertada logo cedo entre as crianças, pode transformar-se em um processo consciente de aprimoramento do pensar. É neste sentido que se encaminha a proposta de *filosofia para crianças* elaborada por Matthew Lipman, analisada criticamente no estudo denominado "*O Filosofar Infantil no Contexto Escolar: Reflexões Críticas sobre uma Experiência Brasileira*", dissertação de mestrado defendida em setembro de 1997 na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. A abordagem empreendida nessa pesquisa permite que implicações relativas à transposição de um modelo teórico para a concretude do ambiente escolar sejam evidenciadas.

Aceitando que as crianças se conduzam de forma similar aos filósofos em suas descobertas e admitindo que suas atitudes inquiridoras pressuponham um espírito investigativo, a autora interpreta o processo de escolarização infantil guiada pelas seguintes questões: Estaria a escola em condições de absorver o filosofar infantil e sistematizá-lo no intuito de aprimorá-lo? Seria possível viabilizar uma proposta teórico-metodológica através da qual as crianças, exercitando o filosofar, viessem a pensar melhor? Outras questões então se desencadeiam delineando um processo investigativo que se inicia na fundamentação teórica da proposta de filosofia para crianças e passa pelo acompanhamento da prática pedagógica escolar até chegar à verificação de seus alcances.